

DEPOIMENTOS SOBRE MATTOSO CÂMARA *

A grandeza de Mattoso Câmara, homem e sábio, fica e vai ser inesquecível. Os inseparáveis problemas da linguagem e do espírito humano animaram e fortaleceram o nosso estreito contato em Nova Iorque, dentro dos muros da École Libre de Hautes Études e da Columbia University.

Tais questões constituíram, igualmente, o tema vital das entrevistas que tivemos em nossos encontros, depois da guerra, na América do Norte e na América do Sul.

A esse fiel companheiro e amigo dedico, pois, o presente trabalho [“As características fundamentais e específicas da linguagem humana”], esboçado alguns meses depois de ter gozado, no Rio, de sua sabedoria e de sua hospitalidade, bem como do ar vivificador de seu esplêndido país.

Roman Jakobson, 1973

[...] desde a segunda edição (Rio, 1954) tornou-se [PLG] o melhor manual para a introdução da lingüística até então publicado em país latino. Baseado em informação sólida, bem selecionada e bem elaborada, este livro mantém um equilíbrio inteligente entre a lingüística tradicional e a estrutural e, dentro desta última, entre o estruturalismo europeu e o norte-americano, o que parece bastante razoável para um manual introdutório.

Eugenio Coseriu, 1976

* Depoimentos selecionados por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, que procurou escolher alguns textos que focalizassem expressivamente a figura humana, o professor e o lingüista que foi Mattoso Câmara, em seu papel de incontestável pioneiro dos estudos da Lingüística moderna em nosso país.

A obra de J. Mattoso Câmara Jr. abriu desde cedo novos e seguros caminhos para a descrição sincrônica da língua portuguesa e seus reflexos no adequado ensino do idioma. Desta influência benéfica se tem valido minha *Moderna Gramática* desde sua primeira versão de 1961. A morte prematura em 1970 não lhe permitiu oferecer contribuição ainda mais profunda para a renovação da gramaticografia brasileira em todos os seus domínios. Aconteceu no momento em que as reflexões do notável lingüista e filólogo começavam a chegar à sua plena maturidade e originalidade. A obra que deixou não foi ainda totalmente explorada em suas muitas intuições e sugestões. Resta aos discípulos explorar essa preciosa mina.

Evanildo Bechara, 2005

Certa vez, no mesmo ano estiveram no Brasil Harri Meyer, romanista alemão, discípulo de W. Wartburg, e Francis Rogers, Professor da Universidade de Harvard. A ambos fiz a mesma pergunta: quem achavam eles as maiores figuras da lingüística no Brasil. A resposta foi idêntica: Serafim Silva Neto na lingüística portuguesa, e Mattoso Câmara na lingüística geral.

No seu campo de estudo, ninguém adquiriu a reputação e o renome que Mattoso conseguiu, com todo seu escrúpulo, sua objeção à publicidade, sua timidez. Professor universitário em Lisboa, nos Estados Unidos, poderia viver em qualquer desses países como *full professor*, com alta remuneração e estabilidade, mas sempre preferiu ensinar por períodos curtos, para poder viver e inspirar-se no convívio com a sua gente, sua língua, sua cultura.

[...]

Antes de partir para ensinar na Universidade de Columbia, em janeiro de 1970, havia eu conversado com alguns companheiros da Academia Brasileira de Letras sobre a concessão do Prêmio Machado de Assis a Mattoso Câmara. A receptividade fora ótima. A notícia de sua morte, em 5 de fevereiro, foi um choque para todos os seus admiradores, privando a Academia de prestar-lhe esta homenagem que ele tanto merecia.

A consciência histórica das variações dialetais e sociais, a percepção de que uma língua não muda em bloco, mas, aos poucos, ora um, ora outro grupo de elementos, foi uma lição que o convívio com Mattoso Câmara me ensinou, fazendo-me confiar na possibilidade crescente da ajuda mútua entre a lingüística e a história.

José Honório Rodrigues, 1973

Em 1960 o Prof. Mattoso Câmara assumiu um novo encargo [no Museu Nacional] – o de proporcionar aos estudiosos em geral e em particular aos estudantes de etnologia brasileira um curso de pós-graduação, de caráter introdutório, sobre o método lingüístico e sua aplicação ao estudo das línguas indígenas. O caráter revisionista do histórico das pesquisas lingüísticas no Brasil, a análise crítica das diferentes orientações teóricas de projeção internacional e a segurança das diretrizes traçadas para o encaminhamento da solução dos nossos problemas deram a esse curso um valor que a todo custo se impunha preservar. A gravação das aulas permitiu que o curso fosse transformado em livro, para a satisfação e o júbilo de quantos não tiveram o prazer de ouvir o Prof. Mattoso Câmara. A Divisão de Antropologia tem para com este mestre uma dívida que não sabe como saldar. Em troca do muito que nos dá só lhe oferecemos o ambiente de trabalho, a respeitosa admiração e o caloroso tributo do nosso reconhecimento.

L. de Castro Faria, 1977

Mattoso Câmara Jr. é, indiscutivelmente, o fundador brasileiro da Lingüística. Suas aberturas teóricas e metodológicas colheram a universidade brasileira – sempre retardatária ou inerte – de surpresa. Se o susto provocado pelo novo ideário conseguiu abalar a sonolência reinante, a lição inovadora não encontrou a acolhida correspondente. O estudo das linguagens era uma contradança tranqüila que reunia de um lado a Gramática sobrevivente, e sempre prestigiada, e do outro a Filologia, gloriosa e fáustica, alçada ostensivamente à condição de carro-chefe das “ciências do espírito”. A instituição universitária, que patrocinava essa estranha contradança, foi para Mattoso Câmara a república do silêncio. Mas a sua ciência se impôs e a sua lição expandiu-se.

Eduardo Portela, 1975

Concluindo, vê-se que a positiva valoração crítica do livro [os PLG], segundo o julgamento unânime e abalizado de autores nacionais e estrangeiros, não se exprime em termos ociosos. Trata-se de uma obra pioneira, porque introduziu a Lingüística moderna nos meios universitários brasileiros. O seu autor, além disso, escreveu vários outros volumes em que volta aos temas de Lingüística, revelando sempre a segurança de sua formação científica, em contribuições inestimáveis à cultura brasileira.

Leodegário A. de Azevedo Filho, 2004

Dentro de três semanas se completarão dez anos do falecimento de Joaquim Mattoso Câmara Jr. São dez anos de ausência física do professor consciencioso e metódico, do conferencista profundo e agradável, do *scholar* criativo e estimulante, que, além dos sessenta anos de idade, mostrava mais iniciativa, mais entusiasmo e maior operosidade que a maioria dos estudiosos da língua e da lingüística neste país, muito mais jovens e muito mais presunçosos que ele. Mas são dez anos, também, de presença continuada e atuante daquele que foi não apenas o pioneiro, mas o propugnador constante e imbatível dos estudos lingüísticos sérios, cientificamente bem fundados. Essa presença que tem estado no espírito e no trabalho dos poucos que tiveram o privilégio de conviver e de cooperar com Mattoso e dos muitos que muito aprenderam da lingüística e da língua portuguesa nas aulas, nas conferências e, sobretudo, na ampla obra escrita, substancialmente voltada para a informação, para a instrução, para a formação lingüística de mais de uma geração de estudiosos brasileiros; essa presença que se evidencia na reiterada reimpressão de suas obras por diversas editoras, que se disputam um autor verdadeiramente procurado; essa presença que nos levou ao consenso fácil de que os esforços empreendidos para a realização do V Instituto Interamericano de Lingüística e do VII Instituto Brasileiro de Lingüística deveriam ser consagrados à memória daquele que vale como exemplo para todos nós, lingüistas e estudantes de lingüística, que no Brasil procuramos contribuir para a compreensão da linguagem e, através dela, para a compreensão e a intercompreensão da humanidade.

Aryon Dall'Igna Rodrigues, 1984

A personalidade de Mattoso-colega projetou-se sobremodo a partir dos sucessivos simpósios do PILEI e dos Seminários Brasileiros de Lingüística, estes promovidos anualmente pelo Instituto de Idiomas Yázigi a partir de 1965. Mattoso Câmara pronunciou conferências em todas as iniciativas do Yázigi em prol da lingüística, dispensando sempre uma atenção e carinho especiais aos colegas de magistério. Respeitado como verdadeiro ‘conselheiro’, costumava insistir, junto aos recém-iniciados no ensino da lingüística, que a leitura dos clássicos da literatura especializada deveria ser mais que um simples desiderato – uma obrigação no caso de professores de uma disciplina com uma notável tradição de estudos sincrônicos e diacrônicos.

[...]

Coexistiam em Mattoso-docente, a presença circumspecta, por vezes aparentemente austera, do professor e a projeção de um sentimento espontâneo de informalidade, manifestado por uma ou outra singela anedota lingüisticamente

motivada mas de grande efeito psicológico. Suas aulas constituíam modelos de apresentação expositiva que, mesmo sob o controle pedagógico do roteiro, ofereciam aos alunos mais perspicazes não só valiosas intravisiões como sugestões para trabalhos de natureza eminentemente sincrônica, preocupação primordial de Mattoso, descritivista por formação e desempenho.

[...]

Em Mattoso-conferencista temos, por um lado, a segurança de seus conhecimentos, oriundos de uma perspectiva ampla e multifacetada sobre o fenômeno linguagem; por outro, sua capacidade de estimular nos ouvintes uma reflexão instantânea, numa moldura estilística pessoal inconfundível.

Francisco Gomes de Matos, 1973

A análise de Joaquim Mattoso Câmara [da flexão nominal em português] constitui considerável progresso em relação à análise tradicional, por considerar a expressão oral, por incorporar fatores antes não considerados e também por introduzir considerável simplicidade na descrição do processo.

Essa análise teve forte repercussão, e reflete-se na quase totalidade dos trabalhos sobre morfologia do português publicados posteriormente, entre 1973 e 2000, tornando-se a análise padrão da flexão nominal em português.

Geraldo Cintra, 2004

Repensar a obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr. não é tarefa das mais fáceis, pois significa percorrer os vários caminhos por ele trilhados durante sua intensa vida de professor e pesquisador. Se, por um lado, há a alegria de constatar a perenidade que o trabalho acadêmico confere àqueles que se desempenham com seriedade e eficiência, por outro, fica a tristeza das lembranças de alguém com quem convivi por 10 anos no *Setor de Lingüística do Museu Nacional* e que não mais está entre nós: seus cabelos brancos, seu porte meio curvado, sua leitura constante, silenciosa e tranqüila, sua lhaneza no trato são recordações que guardarei aliada à sua maestria de exposição oral, suas aulas perfeitas, seu desejo intenso de transmitir tudo o que sabia, tudo o que lia.

[...]

Privei com o professor Mattoso Câmara durante os últimos anos de sua vida. Um convívio diário no *Setor de Lingüística do Museu Nacional*, do qual foi o organizador. Dele herdei a sala e a mesa de trabalho, a cadeira giratória, as

estantes e guardei na memória os ensinamentos e o exemplo, o desejo de sempre querer saber mais, a vontade de sempre ler mais. Gostaria imensamente de ter herdado também o espírito lúcido, a clareza da exposição e o amor ao trabalho.

Yonne Leite, 2004

O presente artigo [“O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara”] é um tributo à memória do Prof. Mattoso Câmara Júnior, certamente o nome mais relevante na história da lingüística em nosso país.

Conheci o Prof. Mattoso Câmara como professor de Introdução à Lingüística Geral, quando cursava o último semestre de Letras Clássicas da PUC-RJ, em 1967. No ano seguinte, ingressando no Mestrado em Lingüística do Programa Unificado de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional, em 1968, ainda teria eu o privilégio, por mais dois semestres, de ter o Professor Mattoso Câmara como professor, nos cursos de História da Lingüística e Estrutura da Língua Portuguesa.

[...]

Não há outro epíteto para Mattoso Câmara senão *O Grande Mestre*. O domínio absoluto de todos os temas que abordava, a farta erudição, os comentários fundamentados e bem elaborados, a solidez da argumentação; e também os detalhes pitorescos, um leve tom de humor, pequenas pausas amenas quando via que não podíamos mais acompanhar o ritmo das reflexões teóricas. Sim, Mattoso Câmara não foi apenas o grande pioneiro da Lingüística no país; foi, também, um professor perfeito.

Mudaram-se os paradigmas, a Lingüística teve no Brasil um desenvolvimento ímpar, juntamente com a evolução planejada do sistema de pós-graduação no país; alargaram-se os domínios da investigação, novos métodos de análise são privilegiados. Mattoso Câmara passou de precursor a clássico. E sua obra mantém a relevância de sempre.

Margarida Basílio, 2004

Tem-se dado pouca importância à contribuição de Mattoso Câmara no que se refere aos estudos de sintaxe (e, principalmente, da sintaxe portuguesa), considerando-se que os trabalhos do autor se concentram na fonêmica e na morfologia.

Não resta dúvida de que, no período em que os textos de Mattoso Câmara foram publicados, a lingüística estrutural privilegiava os campos da fonologia

(ou fonêmica, para os norte-americanos) e da morfologia, o que explica o maior desenvolvimento que esses estudos receberam por parte do autor. Contudo, é conveniente lembrar que a sintaxe não foi tão negligenciada por Mattoso quanto se pode pensar.

Partindo da noção de frase como unidade do discurso, com seus quatro elementos essenciais: o falante, o ouvinte, o assunto e a situação, bem como a especial importância atribuída à manifestação psíquica e ao apelo, integrados à simples informação (na esteira da *Sprachtheorie*, de Karl Bühler), Mattoso Câmara estabelece a interpenetração entre as frases intelectual e afetiva, propondo, assim, uma sintaxe vinculada à estilística. Essa posição vai impedi-lo de aderir à sintaxe formalista dos bloomfieldianos, embora, como o mostraremos, não se possa deixar de reconhecer a proposta mattosiana de uma sintaxe rigorosa, elaborada e, sobretudo, explorável.

Válter Kedhi, 2004

O curso de Mattoso de 1938-1939 na Universidade do Distrito Federal, entretanto, embora efêmero, marcou, ao mesmo tempo, nas décadas seguintes, o que a literatura crítica considerou o início do processo de institucionalização da Lingüística no Brasil e o início de uma nova orientação teórica e metodológica para os estudos lingüísticos efetuados até então. Mattoso é consensualmente apontado como pioneiro dos estudos propriamente lingüísticos no Brasil, seu primeiro divulgador e o primeiro professor de Lingüística de uma Universidade brasileira.

Cristina Altman, 1998

Conheci o Professor Mattoso Câmara por meio de suas publicações. Aprofundei-me em seus trabalhos na época em que ingressei na Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo e optei por estudar sua obra do ponto de vista da historiografia da lingüística. O contato com os escritos de Mattoso Câmara efetuado para a dissertação de mestrado (1998) levou-me, na investigação para o doutorado (2003), à questão do aparecimento de critérios fonológicos, e não apenas fonéticos, aplicados na descrição do português brasileiro. Se, por um lado, *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* (1953) representa a ruptura com a tradição de pesquisa sobre os sons no mundo lusófono, por outro lado, marca a continuidade de seus ensinamentos, tal como se observa em trabalhos atuais sobre fonologia do português do Brasil: é ponto de partida e referência fundamental. Sou, assim, grata herdeira do legado deixado

pelo introdutor da lingüística estruturalista em nosso país e das mudanças introduzidas por ele não só no estudo das línguas e da linguagem, mas também no ensino de língua portuguesa em seu funcionamento.

Angela França, 2005

A formação propriamente lingüística se iniciou nos anos 30. Em 1938, Mattoso Câmara Jr. ministrou, na Faculdade de Filosofia e Letras do Distrito Federal, o primeiro curso de Lingüística no Brasil, aliás logo suprimido com o desaparecimento daquela Faculdade. Do currículo da Faculdade Nacional de Filosofia, que então se criou, não constava a matéria.

Essas lições de Mattoso Câmara, divulgadas também pela *Revista de Cultura*, constituiriam, em 1942, os *Princípios de Lingüística Geral*, que, como bem dizia o subtítulo, eram de fato um “fundamento para os estudos superiores de língua portuguesa”.

E o eram, quer pela divulgação da teoria dos mais notáveis lingüistas europeus e norte-americanos, quer pela organização didática da teoria lingüística mais em voga.

Destinada, pois, expressamente, aos cursos superiores da matéria, constituía também indispensável subsídio para todos quantos se dispusessem a caracterizar a língua do Brasil. A estes, proporcionava mais do que isso, oferecendo também um modelo de estilo e de abordagem adequados a ensaios de língua.

Edith Pimentel Pinto, 1981

Ao tempo em que os filólogos historicistas construía sua obra, respaldados então pelo prestígio dessa orientação dos estudos lingüísticos, Mattoso Câmara Jr., no seu percurso à parte, nos legava uma obra fundamental que, sem dúvida, como prenunciou Sousa da Silveira, ‘pôs ordem dentro de muito cérebro’, numa orientação estruturalista plural, calcada em um saber lingüístico fundamentado e sedimentado. Dentre os muitos títulos, e conhecidos, de Mattoso Câmara destaco aqui a sua *História e estrutura da língua portuguesa*, elaborada entre 1963 e 1965, editada primeiro em inglês, em 1972, pela Chicago University Press; em 1975, traduzida e publicada no Brasil. Ambas as edições já póstumas. Esse livro representa, a meu ver, uma isolada aplicação a aspectos da história do português do estruturalismo diacrônico, que aqui divulgou-se quando a Lingüística brasileira já buscava outros caminhos.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, 1999